

**As representações sobre a História da África, dos africanos e dos afro-descendentes nos livros didáticos de história do ensino fundamental da Escola Estadual Dom Gino Malvestio no município de Parintins/AM(2017)**

*Representations on the History of Africa, Africans and Afro-descendants in the textbooks of history of elementary school at the Dom Gino Malvestio State School in the municipality of Parintins / AM (2017)*

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v11i1.2433>

**Janderson Lopes Brito**

Graduado pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Professor de História da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas- SEDUC/AM.

[janderson.brito@seducam.pro.br](mailto:janderson.brito@seducam.pro.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-9036-2571>

Recebido em: 17/01/2018 – Aceito em 28/01/2018

**Resumo:** Esta pesquisa foi realizada com intuito de analisar a coleção de livros didáticos do ensino fundamental da escola estadual Dom Gino Malvestio - Parintins/AM destinados ao triênio 2017/2018 e 2019 com objetivo de verificar a imagem construída sobre a História da África presente nas abordagens destes livros didáticos de história; verificar de que forma a cultura dos africanos e afrodescendentes são representadas neles e por fim observar se as representações sobre os africanos e afrodescendentes presentes nos citados livros didáticos, procuramos também responder algumas perguntas que nortearam nossa análise como por exemplo: será que as antigas abordagens História da África cultura dos africanos e afrodescendentes permanecem? Ou foram eliminadas depois da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira? Uma historiografia que repensou a presença da História da África e dos africanos e afrodescendentes evidenciando principalmente o africano e o afrodescendente enquanto sujeitos históricos teria chegado nas páginas desse material? Depois de analisado nossas fontes e detectado alguns problemas foram sugeridas as devidas alternativas, possibilidades e novos caminhos a serem trilhados baseados nos resultados da pesquisa.

**Palavras chave:** História, África, africanos, afrodescendentes, livro didático.

**Abstract:** This research was carried out with the purpose of analyzing the collection of textbooks of elementary school of the state school Dom Gino Malvestio - Parintins / AM destined to the triennium 2017/2018 and 2019 with the purpose of verifying the constructed image on the History of Africa present in the approaches to these history textbooks; to verify how the culture of Africans and Afrodescendants are represented in them, and finally to see if the representations about Africans and Afrodescendants present in the mentioned textbooks, we also try to answer some questions that guided our analysis such as: do the old approaches History of African culture of Africans and Afrodescendants remain? Or were they eliminated after Law 10.639 / 2003, which makes the teaching of Afro-Brazilian History and Culture compulsory? A historiography that rethought the presence of the History of Africa and the Africans and Afrodescendants evidencing mainly the African and Afrodescendant as historical subjects would have arrived in the pages of this material? After analyzing our sources and detecting some problems we have suggested the appropriate alternatives, possibilities and new paths to be traced based on the results of the research.

**Keywords:** History, Africa, African, Afro-descendant, textbook

## Introdução

A disciplina de História é essencial para que estudantes tanto do ensino Médio quanto do Ensino Fundamental possam pensar e repensar a realidade social ao qual estão inseridos e refletir de forma crítica acerca das mudanças, rupturas, continuidades e permanências observadas em seu cotidiano, sendo assim tal área do conhecimento também deve entre outros aspectos promover a formação da identidade cidadã desses jovens e adolescentes. Os livros didáticos de História se mostram como uma das ferramentas para atingir este fim, e em muitos casos revestem-se na principal fonte para cumprir essa tarefa no processo de ensino aprendizagem, duras críticas já foram direcionadas a este material propondo desde sua abolição até complementações e diversificações quanto a seu uso, contudo não podemos deixar de destacar que o livro didático é o maior veículo de divulgação de conhecimentos sistematizados destinado ao público que compõem o ensino básico no Brasil. Sabemos também que o livro didático é um produto cultural, alvo de interesses e ideologias em geral da classe burguesa, seria ingênuo pensarmos nessa ferramenta didática como uma produção neutra e imparcial.

Partindo dessa problemática ao reconhecermos que o livro didático não está despido de uma carga ideológica, e ao sabermos que a História da África, dos africanos e afrodescendentes presentes nos manuais didáticos dos séculos XX e início do XXI no Brasil, tem uma história marcada pelo silêncio, e por uma prática que reforçava a discriminação, o racismo, negando a participação do africano e do afrodescendentes enquanto sujeitos históricos ativos e construtores da história desta nação. E com o ingresso ao quadro de professores da rede estadual de ensino e após iniciar o curso de pós-graduação Lato Sensu em Africanidades e Cultura Afro-brasileira, veio a oportunidade de ampliar horizontes de conhecimento e assim poder contribuir com a comunidade científica, o que nos despertou o interesse por esta temática: As representações sobre a História da África, dos africanos e dos afrodescendentes nos livros didáticos de história do ensino fundamental da escola estadual Dom Gino Malvestio no município de Parintins/AM (2017), e nesse sentido analisar a imagem construída sobre a História da África presente nas abordagens dos livros didáticos de História; verificar de que forma a cultura dos africanos e afrodescendentes são representadas nos livros e por fim observar se as representações sobre os africanos e afrodescendentes presentes nos livros didáticos contribuem para reprodução de visões etnocêntricas, preconceituosas ou discriminatórias, a coleção de livros didáticos escolhida pertence ao ensino fundamental da escola estadual Dom Gino Malvestio - Parintins/AM destinados ao triênio 2017/2018 e 2019, procuramos também testar nossas hipóteses para verificar como o conteúdo pesquisado aborda a História da África e dos africanos e afrodescendentes? Será que as antigas abordagens permanecem? Ou foram eliminadas depois da Lei 10.639/2003<sup>1</sup> que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira? Uma historiografia que repensou a presença da História da África e dos africanos e afrodescendentes evidenciando-os como sujeitos históricos teria chegado nas páginas desse material? Para responder a essas e outras questões é que nos propusemos a realizar esta pesquisa.

Não tivemos como objetivo meramente identificar erros nestes livros e expô-los de maneira incipiente, mas tivemos sim o compromisso de levantar reflexões acerca dos aspectos referentes as representações da História da África, dos africanos e afrodescendentes analisados neste material, e propomos alternativas, possibilidades e novos caminhos a serem trilhados baseado nos resultados da pesquisa.

## Procedimentos Metodológicos

<sup>1</sup>A Lei n° 10.639/2003 alterou a LDBEN n° 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Lembramos que o parágrafo primeiro afirma: "O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil". (REIS, V. F. SARDINHA, A.C., p.16, 2017).

Esta pesquisa foi desenvolvida seguindo as seguintes etapas: em um primeiro momento realizamos o levantamento bibliográfico e a leitura relacionada ao tema, elaboramos o projeto científico, depois foi realizada a pesquisa de campo para coleta de dados, ou seja, nossas fontes de informação histórica, que no caso foram os livros didáticos incluídos na coleção História sociedade & Cidadania do autor Alfredo Boulos Júnior, utilizados pelos alunos do Ensino Fundamental do 6º, 7º, 8º e 9º ano da Escola Estadual Dom Gino Malvestio no ano de 2017, sempre cientes de que “a ciência se define como uma forma de conhecimento sistemático-explicativo, não contraditório, fático (não valorativo) e testável” (ARÓSTEGUI, 2006, p.56), sendo assim procuramos seguir todo o rigor científico inerente a pesquisa desta envergadura obtendo como resultado um estudo cientificamente elaborado.

Como método de pesquisa utilizamos o histórico, o qual identificamos ser o mais adequado na condução deste trabalho por ele:

[...] ajustar-se a definição clara de problemas, a formulação de hipóteses, a construção dos dados, a elaboração de explicações o mais consistentes possível, e à construção de mecanismos para “provar” comparativamente a adequação de suas explicações. (ARÓSTEGUI, 2006, p.95).

A pesquisa história é apenas parte de um método de pesquisa da sociedade, porém o que lhe atribui um caráter exclusivo enquanto método historiográfico é sem dúvida “o fato de que o historiador estuda os fatos sociais sempre em relação com seu comportamento temporal. (ARÓSTEGUI, 2006, p.93), e essa temporalidade esteve presente na informação histórica ao qual tivemos acesso no desenvolvimento da pesquisa.

Nossa fonte de pesquisa foi a informação histórica, ou seja, documentação bibliográfica, neste sentido se faz necessário explicações a fim de evitar equívocos quanto a compreensão do que é informação historiográfica e informação histórica, sendo tais esclarecimentos imprescindíveis para determinar o tipo de fonte que foi analisada neste trabalho, sob o assunto em discussão podemos concluir que:

O termo informação historiográfica parece o correto para expressar adequadamente a problemática atual das fontes históricas. A expressão deve ser distinguida da “informação histórica”. Esta última pode ser entendida em sua acepção de conhecimento e difusão da história escrita, elaborada, do produto da historiografia, que chega ao público na forma de livros, textos diversos, coleções gráficas e outras obras ou suportes - vídeo, cinema. A expressão “informação historiográfica” pode compreender com menor dificuldade e com menor possibilidade de equívocos a ideia das informações “primárias” os testemunhos, os materiais de observação a partir dos quais o historiador estabelece a síntese histórica. (ARÓSTEGUI, 2006, p.489).

Como base no tema, objetivos da pesquisa e neste referencial justificamos a definição de nossa fonte, lembrando que “a informação histórica é algo mais do que a mera “leitura” das fontes e a transcrição das notícias que proporcionam. A informação é um elemento permanente do método”. (ARÓSTEGUI, 2006, p.490). Esse discernimento crítico diante da escolha da fonte é essencial para o desenvolvimento do método histórico.

A técnica de pesquisa eleita foi a qualitativa, sendo técnica comum das ciências humanas e se amolda perfeitamente com esta pesquisa por possibilitar ao pesquisador

[...] analisar o discurso verbal das fontes, conforme a estrutura de seu conteúdo, que podem analisar o estado da língua ou o uso de determinadas palavras, que podem aplicar modelos *verbais* a uma descrição da informação. (ARÓSTEGUI, 2006, p.515).

Ainda no bojo das técnicas foi dado ênfase na observação documental, pois o conteúdo dos livros

didáticos que analisamos não deixa de compor o universo variado dos documentos que podemos encontrar nos diferentes tipos de suporte, sendo assim

As técnicas de observação documental [...] seriam as aplicáveis ao estudo dos “documentos”, atualmente de muitos tipos diferentes e sobre variados suportes, com a peculiaridade de que sempre nos dariam uma observação [...] da realidade. Documentos escritos - de arquivos publicações oficiais periódicas ou não, livros, folhetos, opúsculos diversos, “imprensa”, etc- ou documentos visuais ou sonoros seriam os tipos fundamentais. (ARÓSTEGUI, 2006, p.518) Em consonância com o que foi apresentado e utilizado durante a pesquisa, salientamos que os procedimentos científicos elencados acima nos forneceram bases sólidas para não simplesmente lermos o material dos livros didáticos para vermos o que havia neles, somente com intuito de decodificá-los, mas foram essenciais para buscarmos elementos para nossas análises orientadas a priori por um projeto estruturado de pesquisa.

## Trajetórias da História da África presente nos livros didáticos de História no Brasil

Um ponto de partida de acordo com Oliva (2003) para compreensão deste início da presença da História da África nos livros didáticos de História no Brasil se faz mister reconstruirmos o nascimento da própria História enquanto ciência neste país que perpassa pela criação em 1838 da cátedra de História no colégio Pedro II, e destaca que de 1838 à 1970 o modelo positivista de ver a História dominou aquele período, o que só viria a ser rompido nos anos de 1980 e 1990, sinalizando para abertura de diálogos para quem tivesse interesses em repensar as abordagens da disciplina história no ambiente escolar. Surge também como alternativas teóricas como o Marxismo e a História Nova, essa nova postura passa então a dominar os conteúdos presentes nos os livros didáticos, quem frequentou a rede de ensino de nosso país até o fim da ditadura civil militar, provavelmente teve que

se contentar, ou aturar, uma História de influência positivista recheada por memorizações de datas, nomes de heróis, listas intermináveis de presidentes e personagens. Sem contar a extrema valorização da abordagem política pouco atraente, do eurocentrismo na História Geral e da exaltação da nação e de seus governantes na História do Brasil. Todos esses conteúdos eram apresentados com pouco ou nenhum perfil crítico e não existiam brechas para a participação das pessoas comuns nos fatos tratados. (Oliva, 2003, p.424-5)

Neste cenário em que estava imerso a própria História como ciência, e sabendo que o conteúdo dos livros didáticos tende a refletir a historiografia do período no qual foi produzido, podemos ter a dimensão de como foi tratada, ou melhor, como não foi tratada a História da África, senão como um apêndice da história europeia no universo dos materiais didáticos anteriores a 1995. Após esse período Oliva (2003) nos apresenta um quadro no qual demonstra primeiramente uma preocupação ao analisar 20 coleções de livros didáticos de História do Brasil que foram produzidas a partir de 1995, e nelas o autor detecta um silêncio que incomoda, pois somente 5 coleções reservaram capítulos específicos para tratar de História da África, e ainda sim demonstravam desconhecimento sobre o assunto e a presença de uma nítida visão eurocêntrica sobre a história africana, ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais da época já sinalizassem para uma abordagem da história da África. Este cenário só mudaria com apro-

vação da lei 10.639/2003, o que tornaria obrigatório o ensino da História dos afro-brasileiros e da África nos estabelecimentos de ensino público e privado, a partir desse importante marco histórico foi que a História da África e dos afro-brasileiros passaram ganhar espaço, não só em algumas páginas, mas capítulos específicos inteiros dos livros didáticos passaram a dedicar lugar a História da África e dos afro-brasileiros.

Portanto o conhecimento acerca do itinerário percorridos pela literatura didática no Brasil no que diz respeito à História da África e conseqüentemente dos africanos é fundamental não somente como uma espécie de lembrança de um passado distante que já foi superado, mas sim como ferramenta essencial para compreendermos as atuais abordagem e suas mutações ao longo do tempo, e para que de posse dessas informações possamos contribuir para lançar reflexões significativas rumo a abertura de novas ações que possibilitem em nossa contemporaneidade mudanças nesta trajetória literária didática.

## **Abordagem sobre História da África na perspectiva do livro didático História sociedade & Cidadania**

Em nossa primeira empreitada analítica verificamos que dos 4 livros analisados da coleção História sociedade & Cidadania do autor Alfredo Boulos, 2 deles, no caso o livro do 6º ano e do 7º ano reservaram um capítulo específico para abordar a História da África, nos 2 restantes respectivamente o livros do 8º e 9º anos, convergem com as análises de outros estudiosos que realizaram pesquisas semelhantes, relegando somente algumas páginas para tratar do assunto limitando-se a

[...] Óbvias passagens da História do Brasil, da América ou da Europa, ligadas à escravidão, à expansão ultramarina, ao domínio colonial no século XX, ao processo de independência e às graves crises sociais, étnicas, econômicas e políticas em que mergulhou grande parte dos países africanos formados no século XX. (Oliva, 2008,p.4)

No livro do 6º ano da coleção em análise foi reservado o capítulo 7: O Egito e o reino Kush, composto por 21 páginas, a abordagem merece elogios, pois foi dada ênfase a uma importante singularidade do continente africano, foi apontado como local de desenvolvimento das primeiras civilizações, ou seja, como berço das primeiras civilizações mundiais, através do material iconográfico na abertura do capítulo é apresentado estátuas com o seguinte texto: “Faraós negros da 25ª dinastia, que reinou nos tempos em que o Reino Kush dominava o Egito” (Boulos Júnior, 6º ano, 2015, p.129) e acima um mapa indicando a localização do Egito e de Kush. Na sequência em outra passagem expõe uma sociedade que rompe com o modelo de sociedade patriarcal aos moldes europeus e deixa bem claro as especificidades do povo africano vejamos:

[...] Há indícios arqueológicos de que as mulheres ocupavam posições de destaque no Reino de Kush. Elas podiam ser sacerdotisas, administradoras de uma cidade e podiam, ainda, chefiar o governo, com o título de candace. Ascandaces do Reino de Kush foram soberanas, superando em importância seus filhos ou maridos [...] um episódio envolvendo a rainha Amanishaketo e o imperador romano Otávio Augusto. Quando o Império romano avançou sobre o nordeste da África e conquistou a cidade Napata, os cuxitas resistiram aos romanos. Até que, 21 a.C. , a rainha africana conseguiu negociar um acordo

de paz com os romanos [...] (Boulos Júnior, 6º ano, 2015, p.145).

O livro do 7º ano foi reservado o capítulo 4: Povos e culturas africanas: malineses, bantos e iorubás, o texto de abertura aponta para outro ponto também fundamental nos estudos sobre África que é o destaque a outras singularidades africanas apresentando-as como o berço da humanidade, extensão territorial e reforçando o quanto a história deste continente é importante para nós brasileiros, A África é um importante continente com mais com 30 milhões de quilômetros quadrados, dezenas de países e centenas de povos com culturas e línguas singulares; por ser o berço da humanidade e o lugar de origem dos ancestrais de milhões de brasileiros, África e sua história têm grande importância para nós [...] (Boulos Júnior, 7º ano, 2015, p.64).

O recurso iconográfico de abertura é importante, pois permite ao estudante ter contato e ver o continente africano para além de abordagens que fortalecem estereótipos que induzem pensar a África como um continente composta somente por negros, ver imagem abaixo:



Fonte: ATLAS geográfico escolar. 6 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. p. 45.

Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2015, p. 64)

Mulher Nigeriana, 2007 / 2. Jovem Angolano, 2012 / 3. Homem da África do Sul, 2002 / 4.

Mulher da Tunísia, 2010 e 5. Mulher moçambicana, 2006.

Vale ressaltar também a importância que autor dedica aos griôs como responsáveis pela transmissão de conhecimentos nas sociedades tradicionais africanas:

[...] O griô era um indivíduo encarregado de preservar e transmitir as histórias, conheci-

mentos e canções de seu povo. Além dos griôs contadores de histórias, havia também os griôs músicos, que cantavam, tocavam e conservavam as canções importantes para o grupo [...] (Boulos Júnior, 7º ano, 2015, p. 66)

Outra observação que fizemos esta contida nos tópicos em que o autor trata do Reino do Congo, especificamente quando aborda o contato entre os portugueses e os habitantes deste reino destacando as relações comerciais recíprocas entre eles, por simplificar em menos de uma página, atenção a conversão de mani Congo Nzinga Mbemba uma liderança africana que trocou seu nome para Afonso I ao se converter ao catolicismo, palavras com modernizar inclusive destacado em negrito, pedido de instrução educacional para os jovens do congo, substituição das roupas por outras seguindo à moda portuguesa, passa ideia de que a partir da seleção feita por Alfredo Boulos, sem maiores espaços para discussões, transmite a ideia de inferioridade daquele povo e reforça uma imagem negativa dos africanos, trecho:

Os portugueses chegaram ao Congo em 1483 e logo procuraram fazer comércio com as lideranças africanas. Algumas dessas lideranças também se aproximaram dos portugueses com a mesma intenção. Este foi o caso do mani Congo Nzinga Mbemba que trocou seu nome para Afonso I, converteu-se ao catolicismo e passou a vestir-se à moda portuguesa. Com o objetivo de **modernizar** o reino do Congo, Afonso I, enviou cartas ao rei português D. João III, pedindo que ele lhe enviasse profissionais para ensinar os congos a construir navios, professores para instruir os jovens, e missionários para divulgar o catolicismo. (Boulos Júnior, 7º ano, 2015, pp.71-2).

Por fim no aspecto geral sentimos falta nos manuais didáticos analisados de uma História da África, que “deve ser estudada a partir de suas próprias estruturas, analisando-as em função das inter-relações dentro do continente, mas também em relação ao mundo extra-africano” (WEDDERBURN, 2005, p. 13). Sendo assim podemos compreender que a história africana foi influenciada por várias sociedades do mundo, mas o contrário é igualmente verdadeiro a África também interferiu e influenciou sociedades do mundo inteiro, esse contato se deu em uma via de mão dupla, e são estes enfoques que merecem destaque e devem fazer parte dos conteúdos do livros didáticos de história.

## Representações dos africanos e afrodescendentes presentes

### no livro didático História sociedade & Cidadania

Ao analisarmos o conteúdo do material didático acerca das representações dos africanos e dos afrodescendentes, entendemos oportuno realizarmos uma breve retrospectiva sobre a trajetória nacional destas representações nos livros didáticos de história, Fertig (2008) nos possibilita ter um panorama de como foram construídas essas representações pelos mais diversos autores de livros didáticos desde 1930, período marcado por uma historiografia eminentemente tradicional<sup>3</sup> e positivista, até a o momento de renovação historiografia contemporânea impulsionada pela Escola dos Annales<sup>3</sup> e

<sup>2</sup>Compreendemos a história tradicional da mesma maneira que, por exemplo, Peter Burke, que a define com as seguintes características principais: essencialmente política, produtora de uma narrativa de acontecimentos, concentrada nos feitos dos grande homens, baseada em documentos oficiais e pretensamente objetiva. Para mais informações ver: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. (Fertig, 2008 .p.2)

<sup>3</sup>Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos (histoire événementielle), substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as "mentalidades".

os desdobramentos desta nos livros didáticos nacionais. Fertig (2008) começa levantando algumas indagações presentes no contexto da história do Brasil, e em seguida analisa as respostas para tais perguntas, a primeira delas diz respeito as explicações para a introdução do trabalho escravo no Brasil, tendo como solução inicial a mão de obra indígena, que em seguida foi substituída pela mão-de-obra do africano, fazendo um balanço das respostas mais comuns usadas como motivo para tal substituição, encontraremos repostas que definem o africano como melhor, passivo e mais resistente para o trabalho do que o índio, outro motivo seria a necessidade de mão-de-obra dado a sucessivas diminuição dos indígenas, bom essas são apenas algumas das explicações para essa permuta de mão-de-obra, sendo que nenhuma delas se sustenta a partir das novas luzes lançadas pela historiografia do ano de 1980 a qual afirma:

[...] que a substituição do trabalho escravo indígena pelo africano foi motivada pelos lucros do tráfico negroiro, o qual deve ser entendido como um elemento importante da política mercantilista [...] Enquanto a escravização de índios gerava apenas lucros internos à colônia, a escravização de africanos produzia a acumulação de capital na metrópole. Desta forma, o trabalho escravo africano tornou-se preferível ao indígena, por conjugar interesses econômicos metropolitanos e coloniais, aos comerciantes, aos traficantes e à Coroa, que recolhia imposto de todas as operações (Fertig 2008, p.36 apud Novais, 1983, p. 98-102)

Porém ao analisarmos o livro do 7º ano do autor Alfredo Boulos, no capítulo 4: ECONOMIA E SOCIEDADE COLONIAL AÇUCAREIRA, muito embora seja citado os interesses do tráfico pelo Atlântico, como um dos fatores para substituição de mão de obra, mas sem maiores explicações, o que prevalece são explicações já superadas pela historiografia recente como podemos notar nestetrecho:

Na passagem dos século XVI para o XVII, os senhores de engenho começaram a substituir indígenas por africanos como mão de obra, pelas seguintes razões: a) a falta de indígenas nas áreas açucareiras (por morte ou fuga); b) os interesses envolvendo o tráfico pelo Atlântico e a experiência dos africanos na produção de açúcar nas plantações portuguesas das ilhas de Cabo Verde e Madeira. (Boulos Júnior, 7º ano, 2015, p. 294).

Sendo assim ele parece desconhecer as atualizações historiográficas que apontam para o motivo que levou a substituição de mão de obra nativa pela do africano, ajudando assim a reforçar velhas abordagens que contribuem para a manutenção de estereótipos tanto para os indígenas como para o africano, como por exemplo: “o índio era preguiçoso, não tinha aptidão para o trabalho, fugia”, já o africano era visto como forte e apto para o trabalho “passivo”, “não fugia por desconhecer a região”, entre outras representações negativas relacionadas a estes sujeitos históricos.

Seguindo com as análises ainda neste capítulo 4, no tópico A sociedade colonial açucareira destacamos a seguinte passagem:

[...] As sociedades coloniais tinham duas características comuns: a escravidão em quase todo o território colonial, e uma hierarquia rígida. No topo, estavam os senhores de terras, gado e escravos; na base os escravos, que não eram donos nem de si mesmos. (Boulos Júnior, 7º ano, 2015, p.300).



Ao definir a hierarquia da sociedade colonial o autor descreve que na base da pirâmide estava o escravo, e afirma que não eram “donos nem de si mesmos”, Alfredo Boulos ao fazer tal afirmativa reforça a teoria escravo-coisa sustentado por muito tempo pela história tradicional e já superada segundo Fertig:

[...] Assim, uma coisa é o fato de que, inserido no sistema escravista, o escravo não passava de mercadoria. Outra bem diferente é supor que ele se percebia como tal ou “como pouco mais do que um irracional”. Sendo o escravo reduzido como era à condição de mercadoria e coisa pela escravidão, não pode ser visto, entretanto, da mesma maneira, pelos historiadores, pois, desta maneira, estes correm o risco de perder de vista a condição do escravo enquanto agente histórico. (Fertig, 2008,p.12)

Infelizmente percebemos que antigas representações que criam um imagem negativa sobre os negros africanos e conseqüentemente sobre os afrodescendente ainda permanecem estampadas nas páginas deste livro no ano 2017 e contribuem para manter e reforçar processos discriminatórios dirigidos a este público e que atingem a sociedade brasileira de forma geral.

## Considerações Finais

Ao concluirmos nossas análises notamos que antigas abordagens que criam uma imagem negativa a respeito dos africanos e dos afrodescendentes ainda estão presentes em nossos livros didáticos, reforçando a discriminação, embora os notórios avanços percebidos principalmente pela reserva de dois capítulos específicos reservados para tratar da História da África, salientamos que essa história deve ser repensada no que tange o mundo extra-africano, será importante a divulgação deste artigo na escola Dom Gino Malvestio, e em sites de domínio público, pois esta coleção foi disponibilizada para escolha em outras escolas espalhadas por todo o Brasil, visto que esta coleção permanecerá na escola Dom Gino pelo triênio 2017/2018 e 2019 e nas demais escolas do território brasileiro que a escolheram. Por fim esperamos que nossas análises sirvam de instrumento para reflexões e mudanças de postura rumo a uma sociedade que caminha para eliminar preconceitos, discriminações, racismos, e a qualquer tipo de agressão a dignidade humana.

### Livros Didáticos Analisados:

- BOULOS JÚNIOR, Alfredo; **História sociedade & Cidadania**, 6º ano. 3ª. ed. São Paulo: FTD, 2015.  
BOULOS JÚNIOR, Alfredo; **História sociedade & Cidadania**, 7º ano. 3ª. ed. São Paulo: FTD, 2015.  
BOULOS JÚNIOR, Alfredo; **História sociedade & Cidadania**, 8º ano. 3ª. ed. São Paulo: FTD, 2015.  
BOULOS JÚNIOR, Alfredo; **História sociedade & Cidadania**, 9º ano. 3ª. ed. São Paulo: FTD, 2015.

### Referências Bibliográficas:

- CARDODO, C. F / VAINFAS; **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elseiver, ed. 19ª, 1997.  
CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.  
FERTIG, André / MARTINS, J. T; **Representações da Escravidão nos Livros Didáticos de História do Brasil**. Revista Sociais e Humanas (ISSN online 2317- 1758), Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008.  
FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas, SP: Papirus, 1993.  
FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MEDEIROS, A.C / ALMEIDA, E.R; **História e Cultura Afro-Brasileira: Possibilidades e Impossibilidades na Aplicação da Lei 10.639/2003**. Revista *Ágora Vitória*, n. 5, p. 1-12, 2007. Disponível em: <[http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista\\_5\\_PDFs/Angela%20Cordeiro%20Medeiros%20-%20PDF\[1\].pdf](http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_5_PDFs/Angela%20Cordeiro%20Medeiros%20-%20PDF[1].pdf)>. Acesso em: 10 outubro de 2017.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história africana nas escolas brasileiras: entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas** (1995-2006). *História, São Paulo*, v.28, n.2, p.143-172, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/07.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática**. <https://www.scielo.br/Estud.afro-asiat>. [online]. 2003, vol.25, n.3, pp.421-461. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X20030003000003>.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **O ensino da história da África em debate : uma introdução aos estudos africanos**. In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (orgs.). **História e cultura afro-brasileira e africana na escola**. Brasília: Ágere, 2008.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **O Espelho Africano em Pedagogia: diálogos entre as Representações da África no Imaginário Escolar e os Livros Didáticos de História, Um Estudo de caso no Recôncavo Bahiano**. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*, v. 1, n. 1, 2007
- REIS, J.J / SILVA, E; **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1989.
- REIS, V. F, SARDNHA, A.C. **Diversidade e o campo da educação – diálogos sobre (in)tolerância religiosa**. Macapá: UNIFAP, 2017.
- SILVA, Ana C. **A representação social do negro no livro didático: o quemudou? por que mudou?**. Salvador : EDUFBA, 2011.
- WEDDERBURN, Carlos Moore. **Novas bases para o ensino da História da África no Brasil**. 2005. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/.../WEDDERBURN,%20Carlos.%20Artigo%20científico.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.